

AS MULHERES PEDEM A PALAVRA: O JORNAL *THE SPECTADOR* E A QUESTÃO FEMININA NO SÉCULO XVIII INGLÊS*

Maria Lúcia Pallares Schaeffer
da FE/USP, atualmente professora visitante
na Univ. of Cambridge (Ingl.)

RESUMO

Tendo como fonte as cartas dos leitores do periódico inglês *The Spectator*, este artigo pretende fazer duas sugestões: em primeiro lugar que, como decorrência do diálogo entre pessoas de interesses e origens diferentes promovido pelo jornal, o público feminino descobriu todo um terreno comum de problemas, idéias e desejos; em segundo lugar, que as mulheres comuns do início do século XVIII na Inglaterra não eram passivas e não aceitavam cegamente o papel subordinado da mulher na sociedade.

SUMMARY

Relying mainly on readers' letters published in the English daily newspaper *The Spectator*, this article aims at forwarding two suggestions: first, that by following the dialogue among people of different backgrounds and interests sponsored by the press, female readers discovered a common ground of problems, ideas, and wishes; second, that English common-women in early 18th Century were not passive and blind believers in the traditional subordinate role of women in society.

* Uma primeira versão deste trabalho foi apresentada à X Reunião da ANPED realizada em Salvador (BA), de 12 a 15 de maio de 1987.

O estudo da participação feminina em um jornal diário inglês do início do século XVIII se apresenta como um exemplo particularmente fértil e ilustrativo das potencialidades das chamadas novas fontes da nova história. Quer pela forma de participação – cartas –, quer pelo palco onde se apresentam – imprensa – bem ilustra a relevância e respeitabilidade das fontes “menores” para o resgate do passado na sua variedade, nos seus entrelaçamentos e no seu permanente estado de reconstrução, enquanto conhecimento.

Por muito tempo relegadas como irrelevantes, fontes como, por exemplo, correspondências, imprensa, diários apresentam-se hoje como fontes dignas da mais séria atenção, podendo vir a comprovar, ilustrar, relativizar e mesmo refutar visões históricas consagradas. O exame das quase duas centenas de cartas de mulheres que se dirigiram ao jornal *The Spectator*, se não desmente totalmente, ao menos relativiza a noção mais ou menos consagrada de que a história das idéias feministas não recua para além de meados do século XIX, com o movimento das *suffragettes* (Spender, 1982).

Antes, entretanto, de abordar esta fonte e fazê-la falar, cumpre apresentar, mesmo que brevemente, o palco onde ela se manifestava. O *The Spectator*, segundo jornal diário inglês, apesar de ter tido uma duração de menos de dois anos – de 1º de março de 1711 a 6 de dezembro de 1712 – é até hoje considerado um fenômeno jornalístico. Não somente seu sucesso não se encerrou juntamente com o término de sua publicação diária, como ultrapassou em muito os limites da atualidade londrina no qual surgiu. Transformado em livro já durante seu período de publicação diária, seus oito volumes tiveram, só durante o século XVIII, 56 edições na Inglaterra, 10 na França, 2 na Alemanha e uma na Holanda (Winton, 1963, v. 27, p.

E isso sem falar no imenso número de periódicos que o tomou como modelo não só na Inglaterra, como na Europa Continental e América, conservando-lhe, muitas vezes, o próprio nome que se torna moda¹. Na verdade, a história da imprensa ocidental está repleta de periódicos que capitalizam sobre o sucesso do *The Spectator* e da idéia de imparcialidade que ele vendia pioneiramente, ao que tudo indica, no início do século XVIII.

Visto usualmente como um periódico do tipo ensaio, que além de fazer crítica dos costumes divulgava idéias filosóficas, científicas e literárias modernas, o seu sucesso prodigioso tem sido usualmente atribuído à perspicácia de seus editores – J. Addison e R. Steele – que teriam dado ao público o que ele estava a exigir: instrução e diversão². É por ter respondido a essas necessidades não políticas do seu tempo e da nova classe média emergente, que ele teria sido aclamado pelo novo público inglês e estrangeiro. Este tipo de apreciação do *The Spectator* tende a considerar irrelevante a característica que consideramos essencial a esse jornal enquanto órgão da imprensa educativa e enquanto formador e veículo de opinião pública – as mais de 500 cartas que se distribuem ao longo dos seus 555 números³. A natureza e relevância da “coluna do leitor” do *The Spectator* nos permite erigir como chave explicativa de seu sucesso prodigioso, o relacionamento íntimo e coloquial que ele estabeleceu, através de cartas, com seus leitores, e o conseqüente clima de troca e de

co-participação que se criou entre o público e o editor (Schaeffer, 1986, cap. 2, p. 90-6, cap. 3, p. 181-9).

Tendo como objetivo precípuo a promoção do bem público, o *The Spectator* se alça, enquanto órgão da imprensa do início do “Século das Luzes”, ao papel de um dos líderes do projeto iluminista de mudar o modo de pensar dos homens comuns. E, para realizar de modo mais efetivo a tarefa de agente de cultura, de mobilizador de opinião e de propagador de idéias, o jornal erige o diálogo como o método educativo por excelência. Por excelência porque, ao incorporar em suas folhas diárias a correspondência dos leitores e com ela entabular uma conversação, o *The Spectator* se transformava num palco onde a troca de idéias e de opiniões se desenvolvia. E, mais ainda, promovendo um diálogo vivo em suas páginas, o jornal, sem apelar para discursos ou sermões exortativos de efeito duvidoso, ilustrava o seu público com as idéias de tolerância, de diversidade e de relativismo que o próprio gênero literário utilizado promovia.

Os protagonistas deste diálogo através da imprensa eram basicamente três: Mr. Spectator como editor-chefe, os seis membros de uma hábil ficção literária – o clube – que organizava e planejava a edição diária sob a orientação do editor-chefe, e os leitores⁴.

Sem qualquer distinção de credo, profissão, sexo ou condição, os leitores eram convidados a participar das conversas do clube desde o seu início. Muitas são as vantagens das cartas, afirmava o *The Spectator* em inúmeras ocasiões. Uma dentre elas, e a principal, é a variedade de experiências e informações dos leitores de várias posições e procedências. A troca de idéias, experiências e opiniões é um meio de os homens arrefecerem suas paixões, colocarem-se no lugar dos outros, aprenderem a ser tolerantes e a valorizarem papéis e postos diferentes dos seus. Os exemplos vivos dos homens podem calar em nós muito mais profundamente do que preceitos de moralidade, dizia o *The Spectator*. O que os outros pensam, fazem, sofrem e vivem pode despertar a nossa reflexão e aprimorar a todos.

Os membros do clube do *Spectator* eram representantes de diferentes segmentos da sociedade. Havia um

1. As listas mais ousadas chegam a apontar mais de duas centenas de imitadores, Nathan Drake, em 1809, por exemplo, apresenta uma longa lista de 221 periódicos como seguidores de *The Spectator* (Seeley, 1809, v. 1, p. 490-503).
2. É esta, por exemplo, a opinião do famoso jornalista inglês contemporâneo Francis Williams, ferrenho admirador da obra jornalística de Addison e Steele (Williams, 1957 e 1969).
3. A esse respeito a opinião de um conhecido estudioso de *The Spectator*, responsável pela sua mais completa edição dos últimos anos, é enfática, ao justificar a valorização de Addison em detrimento de Steele. Para D. Bond, atribuir valor igual à contribuição dos dois editores “é dar uma impressão enganadora, pois (...) a maior parte dos números de Steele consiste de cartas, muitas das quais temos toda razão para acreditar que eram contribuições autênticas. A maioria dos números que levam as letras da assinatura de Addison, por outro lado, são ensaios independentes e não apresentam nenhuma indicação de terem sido enviados por correspondentes” (Bond, 1965).
4. Nos números 1 e 2 de *The Spectator* são feitas as apresentações de Mr. Spectator, do clube composto por seus seletos amigos, ao mesmo tempo em que os leitores são enfaticamente convidados a participar da elaboração do jornal.

capitão, um clérigo, um baronete, um homem da cidade, galanteador, um jurista e um comerciante, cada um deles devendo responsabilizar-se pelo cuidado dos interesses, direitos e justos privilégios de seus pares. Pedindo a participação do público, publicando suas cartas, confessando que elas forneciam ao jornal inestimáveis matérias para reflexão e para vários de seus ensaios, o *The Spectator* ampliava o clube e dava representação àqueles grupos que não tinham um porta-voz de seus interesses nos membros do clube. Com o convite a todos, sem distinção, os homens e mulheres comuns, as simples donas-de-casa, as frustradas amantes, aqueles enfim que não tinham quem falasse por eles, adquiriram voz e, com isso, a complexa plenitude da organização social era contemplada nas páginas do *The Spectator*, tal como ele pretendia.

Se todos eram insistentemente chamados a participar era porque todo assunto, por mais banal e vulgar que pudesse parecer, era considerado relevante. E o que assistimos, assim, é, ao lado de reflexões filosóficas, científicas e literárias, o cotidiano de uma variada gama de leitores com seus vários interesses e preocupações sendo igualmente contemplado nas páginas diárias do *The Spectator*. Provocando, assim, a fala de personagens normalmente silenciosos, dando voz a quem não tinha, o *The Spectator* reunia na imprensa diária, como num palco, as várias falas numa situação de comunicação, de diálogo, de confronto, e até de conflito. Neste quadro é como se o público leitor, com suas várias vozes, e as várias outras postas em cena pelos editores, se apresentasse a si mesmo como espetáculo. Um espetáculo que se caracterizava, entretanto, por não ser espetacular. O que ele basicamente apresentava eram cenas triviais, banais, do cotidiano, dos vários papéis do homem em sociedade e onde, portanto, tudo cabia: grandes assuntos, pequenos assuntos, discursos elaborados, discursos simples, vozes fracas e isoladas, vozes fortes e ressonantes.

Em certo sentido, pois, podemos dizer que, paralelamente aos interesses e orientação dos editores, o leitor também determinava o rumo a ser seguido pelo jornal, na medida em que havia nele um lugar reservado para seus interesses, problemas e experiências. Nesse sentido, se os domésticos desejavam ajuda e aconselhamento, este era um assunto a ser abordado, se o teatro era um tema que atraía controvérsia, o jornal refletiria sobre ele, se as mulheres desejavam falar de seus problemas, ele lhes daria voz.

E aqui entramos propriamente no nosso tema – a mulher e seus problemas é o tema central do *The Spectator* e o é, acreditamos, porque são elas que, de modo mais sistemático, davam ao *The Spectator* subsídios para o seu trabalho, respondendo mais prontamente ao pedido de participação feito pelos editores. Se ao leitor cabia também determinar o rumo a ser seguido pelo jornal, pode-se dizer que o público feminino assumiu, mais do que nenhum outro grupo, o papel de co-autoria do periódico. É notório no *The Spectator* não só o grande número de mulheres que lhe envia cartas como também o amplo espaço reservado por ele às questões femininas, a reflexões sobre temas suscitados, muitas vezes, pelas próprias leitoras. A importância que tem este tema no decorrer da publicação do periódico é flagrante, chegando até a irritar vários leitores que, apesar de valorizarem este jornal de um

modo geral, sé incomodavam com o zelo excessivo com que era tratado um tema considerado de segunda importância. J. Swift é um dos que, apesar de apreciador do periódico onde até chegou a colaborar, criticava-o como uma “obra mulherenga” em demasia (Swift, 1948).

O que as leitoras esperavam do *The Spectator*? As correspondentes pedem-lhe conselhos, cobram-lhe promessas, ajuda, reflexões sobre temas de seu interesse, imparcialidade e interferência em questões relativas à sua situação de mulher. Querem ser ouvidas, publicadas e reconhecidas como leitoras participantes. São mulheres rudes e finas, coquetes e recatadas, cultivadas e incultas, castas e prostitutas que, indistintamente, se sentem à vontade para dirigir ao *The Spectator* suas queixas, suas reflexões, suas observações, suas sugestões e seus pedidos. Idêntica postura, idênticas expectativas e a mesma variedade de mulheres se percebe nas demais cartas de leitoras não publicadas nas edições originais do jornal, mas tornadas públicas posteriormente⁵.

Dentre os números do periódico que abordam a situação da mulher há dois em especial que, logo nos primeiros dias de publicação, sobressaem em importância. Quer pelo seu teor ousado ou pelo seu tom instigante, podem ser vistos como catalisadores e estimuladores de posições mais questionadoras e provocativas por parte dos leitores. O primeiro deles, logo no 10º dia de publicação do *The Spectator*, apresenta ao público a instigante proposta de tirar “a filosofia para fora dos armários e bibliotecas, escolas e universidades” para fazê-la atuar na praça pública. Com esse programa dirigido a todos os homens há, no entanto, afirma o periódico, um grupo que mais pretende beneficiar: “o mundo feminino”. As ocupações e as diversões destinadas ao belo sexo, dizia então Mr. Spectator, são usualmente planejadas como se fossem destinadas a criaturas irracionais. No entanto, apesar disso, continuava ele, constata-se que há “multidões” de mulheres que, contra todas as adversidades, heroicamente conseguem se destacar na “esfera do conhecimento e virtude”. Ora, se assim é, quantas mais não haveria se as condições fossem mais propícias? Destacando-se explicitamente daqueles que viam a mulher como mero objeto sexual e não enquanto ser racional, os editores se propõem à tarefa de minorar e mesmo romper os efeitos de uma longa tradição de inferioridade atribuída ao “belo sexo”.

Mais instigante do que este é, no entanto, o número subsequente de *The Spectator* que chega até a nos surpreender pela modernidade de suas colocações. Trata-se aqui do número em que o jornal retrata a figura de Arietta, mulher madura e sábia, em confronto com um interlocutor que está a defender a visão das mulheres como seres in-

5. Em 1725, Charles Lillie, um antigo agente e receptor da correspondência endereçada a *The Spectator*, publica dois volumes de cartas originalmente enviadas a este jornal e a seu antecessor *The Tatler*, também de autoria de Addison e Steele. A estas cartas, não impressas nas edições do jornal, se somam outras posteriormente encontradas nas coleções particulares do Duque de Marlborough e da família Tickell. Diferentemente das primeiras, muitas destas são os textos originais de cartas de fato publicadas em *The Spectator* (Lillie, 1725; Aitken, 1898; Bond, 1959).

fieriores e frívolos. Após um longo e erudito discurso em que a inferioridade feminina fora "demonstrada", Arietta assume a cena respondendo, de modo nada menos que brilhante, ao que considerou como um ultraje ao seu sexo. Em primeiro lugar, diz ela saber que é uma grande presunção pretender disputar com uma visão de tão longa tradição, mas que, não obstante, ao ouvir de seu interlocutor argumentações tão batidas e rebatidas ao longo dos séculos, não pode deixar de se lembrar da fábula do leão e do homem: "Sir... suas citações trazem-me à mente a fábula do leão e do homem. O homem andando ao lado daquele nobre animal lhe mostrou, como ostentação da superioridade humana, um quadro de um homem matando um leão, ao que o leão muito justamente respondeu: 'Nenhum de nós, leões, somos pintores, senão poderíamos mostrar cem homens mortos por leões para cada leão morto por um homem'. Vocês homens são escritores e podem representar a nós mulheres tão indevidamente quanto vocês quiserem em suas obras, enquanto nós estamos incapacitadas de retribuir a injúria" (*The Spectator*, 1757, p. 59).

Parece inegável que nas palavras de Arietta há todo o sabor de um discurso moderno: aí está o tão propalado poder masculino de legitimar o pensamento e a história sendo constatado e desnudado; aí está sugerida a idéia de que a história é um poder e que a reconstituição do passado pode servir a interesses de grupos e não ser guiada pelo princípio de imparcialidade; aí está sendo acusada a forma de legitimar o presente apelando para o "sempre foi assim", para o que é afirmado como fruto de uma ordenação natural; aí está, enfim, uma mulher afirmando que o desconhecimento de um passado mais grandioso das mulheres não significa necessariamente a ausência de pensamentos e ações de peso, mas talvez somente uma política de sistematicamente apagá-los e torná-los invisíveis. Se os leões fossem pintores sua superioridade face ao homem seria pintada de modo inquestionável; se as mulheres fossem escritoras, historiadoras, outro seria o registro do passado, outra seria a história.

Seria a modernidade deste ensaio um mero "acidente", ou seria ele, em algum grau, acompanhado pela modernidade das leitoras? Pela situação das inglesas no início do século XVIII, tal como a história nos conta, seria de se esperar que figuras questionadoras, no estilo Arietta, fossem absolutamente excepcionais (Spender, 1982; Jarrett, 1976; George, 1976; Blanchard, 1929; Stone, 1979). Havia, é verdade, uma crença tradicional entre os ingleses de que suas mulheres usufruíam de uma condição privilegiada e invejável, crença essa favorecida ainda mais pelos elogios dos continentais. Provérbios frequentemente citados por viajantes estrangeiros diziam que a Inglaterra era "um paraíso para as mulheres" e que "se houvesse uma ponte entre a ilha e o continente todas as mulheres da Europa correriam para lá". No entanto, se havia superioridade das inglesas, era só talvez com relação às mulheres dos demais países, pois em comparação com os homens a situação era de total inferioridade. De fato, as leis e os costumes faziam do homem e da mulher criaturas totalmente diferentes, senão opostas, quer intelectual, social ou politicamente. Excluídas da lei, da educação, da política e dos centros do poder, não havia muitos caminhos abertos a elas. Questões iterárias, fi-

losóficas e comerciais eram questões masculinas discutidas nos clubes e cafés. E no maior reduto masculino – O Parlamento – decisões políticas eram tomadas, obviamente sem qualquer participação das mulheres, quer ricas, medianas ou pobres. Referindo-se à situação das mulheres, o historiador do século XVIII, William Alexander (1779), considera que a privação e o estado de dependência delas era de tal ordem que nisto tanto pobres como ricas se assemelhavam. A única mulher livre e feliz seria aquela que "tendo enterrado seu marido, usufrui de uma fortuna independente", o que muitas vezes não ocorreria, já que legalmente o marido podia nada deixar para a esposa (p. 336). Na posição de subordinadas aos pais ou maridos, as pobres e as ricas, as servas e as patroas, de certo modo se confundiam. Junto com os aprendizes, servos e crianças, as esposas pertenciam àquele a quem cabia o comando da casa. Politicamente sem voz, as mulheres eram agrupadas, indistintamente, na mesma classe muda dos não proprietários, sem direito à representação.

Dentro destas limitações, a única opção com possibilidades de dar às mulheres o pouco do poder de que eram capazes, era a opção do casamento. Só eventualmente dentro dele ela poderia compensar a falta de oportunidades cívicas, a ausência de abertura profissional, a situação, enfim, de minoridade na qual se achava. Só como esposa ela adquiria potencialmente um lugar social seguro e respeitável. Quanto à educação, também se tendia a vê-la com desconfiança e como veleidade sem fundamento. Era opinião corrente que assim como se deve temer um pobre letrado que pode tornar-se insatisfeito com seu trabalho e sua posição subordinada, uma mulher letrada também representa uma ameaça à estabilidade social. A educação que convém tanto a um quanto à outra – tanto ao pobre quanto à mulher – é somente a suficiente para o desempenho adequado de suas funções – no caso da mulher, portanto, a que nela desenvolvesse as habilidades domésticas a serem exibidas, quer em suas próprias casas – se patroas – quer em casas de outros – se domésticas. Pois, por que almejar mais do que o necessário? "Qual a necessidade da metafísica para se fazer um pudim?" (Dunton, 1691, p. 339-40).

Dentro deste quadro, excepcionais eram as mulheres que questionavam seu papel, diz a história, e mesmo estas não tinham qualquer repercussão já que faziam um protesto fora de hora. Este era, por exemplo, o caso de Mary Wollstonecraft que, com sua obra *A vindication of the rights of woman* de 1792, pouco fizera além de atrair sobre si desprezo e injúria (Spender, 1982). A maioria, na verdade, permanecia silenciosa, aceitando como natural o papel que a sociedade lhe conferia como parte da ordem imutável das coisas. Até meados do século XIX, se não até mais tarde, a história das idéias feministas registraria nada mais do que manifestações esporádicas de casos isolados de mulheres excepcionais, não representativas de um número mais significativo de seu sexo.

O exame da correspondência enviada pelas leitoras ao *The Spectator* relativiza este quadro histórico, pelo menos no que diz respeito à passividade, docilidade e inconsciência das mulheres comuns em geral. Um número significativo das cartas de leitoras revela que havia um processo de conscientização em andamento e que existiam mulheres que estavam problematizando as interpre-

tações estabelecidas no tocante a seu papel na sociedade, a sua natureza, ao seu lugar no casamento, à educação que recebiam etc.

Mostrando-se desde o início um deferente amigo das mulheres, preocupado com a situação delas, o *The Spectator* encorajava as leitoras a se manifestarem sobre os assuntos de seus interesses, já que teriam nas suas folhas um lugar garantido para a exposição de seus desejos, preocupações e necessidades. Essa era uma atitude bem diferente da de seus famosos antecessores – *The Athenian Mercury* e *The Athenian Gazette* – que ao fundarem em suas páginas uma ativa coluna-do-leitor estilo “livro-dos-porquês”, erigiram-se em provedores de informações e solucionadores de dúvidas de seus indagativos e curiosos leitores⁶. As leitoras de *The Spectator*, diferentemente destes, não se limitavam a pedir informações. De fato, é o que menos faziam. Elas, sim, tomavam a palavra e entabulavam com os editores, e mesmo com os demais leitores pela intermediação do jornal, conversas e mais conversas, às vezes até acaloradas, sobre assuntos que lhes diziam respeito. Nesse quadro, então, questões relativas a casamento, fidelidade, à castidade e sedução adquiriam um relevo inusitado na imprensa, e, o que é mais significativo, num órgão da imprensa endereçado aos dois sexos, como era *The Spectator*. Assim, ao lado das questões comerciais, econômicas e políticas do mundo dos homens, as questões femininas eram tratadas e, com isso, de certo modo resgatadas de uma posição de segunda classe e elevadas em categoria. A justificativa para isso, mais ou menos evidente nas entrelinhas, era que, sendo o casamento o destino quase inelutável das mulheres, e sendo, dentro dele, tão precárias as condições e direitos legais das mulheres, questões como aquelas eram tão ou mais vitais para as mulheres quanto as questões comerciais, econômicas e políticas no mundo dos homens. As queixas das esposas traídas, das jovens abandonadas, das mulheres desrespeitadas enquanto seres humanos porque somente vistas como “objetos de prazer” ou “objetos de alegria”, como diziam, e o clamor por uma união matrimonial feita de reciprocidade de, ao menos, alguns direitos eram, então, ao lado de insistentes cobranças de uma biblioteca feminina capaz de sanar os defeitos de uma educação castradora, os temas de grande parte das cartas das leitoras (Schaeffer, 1986, p. 236-40).

Um aspecto importante a ser aqui assinalado é o que se depreende do crescente número de cartas referindo-se àquelas questões e das referências que umas fazem aos testemunhos, reflexões e observações de outras: dando espaço em suas páginas para as manifestações de suas leitoras, *The Spectator* abria a possibilidade de uma intercomunicação entre mulheres desconhecidas, determinando, com isso, que a questão feminina se tornasse pública. Em outras palavras, as várias experiências e perspectivas cotejadas umas com as outras, o contato entre desconhecidas que o periódico propiciava, tinham como efeito o reconhecimento de problemas, interesses e ambições comuns. É o reconhecimento desse terreno comum, é a identificação de um universo comum a várias mulheres que transformou, ou, sendo mais prudente, ajudou a transformar a questão individual de cada uma numa questão pública de interesse geral. Assim, o que o

exame dessas cartas parece revelar é que, dentre as múltiplas motivações para as ações e pensamentos deste grupo de mulheres de origens e condições variadas, a situação de classe é bem menos relevante do que a situação de mulher que compartilham. As várias mulheres que se encontravam no palco da imprensa se percebiam num universo comum e compartilhando de problemas comuns, a despeito das suas demais diferenças. Vemos, pois, por exemplo, uma refinada Sharlot, mulher que se diz letrada, fazer basicamente a mesma queixa de simples balconistas. Reclama a primeira que os homens não têm ouvidos para ouvir o que as mulheres de sua educação têm a dizer de sério, pois “são incapazes de falar conosco sem levar em conta nosso sexo”. Reclamam as segundas que muitos fregueses não as tratam respeitosamente, como honestas vendedoras que são, mas sim, insolentemente, como se fossem objetos, se não à venda, no mínimo em exposição (*The Spectator*, nº 155 e 534).

Dentre as várias questões levantadas e tratadas pelas leitoras, há uma que merece destaque por ter sido sobremaneira partilhada por várias delas e constituído o foco das “conversas” mais acaloradas: – por que e como combater a vaidade e o coquetismo das mulheres? Esta era uma questão decorrente da rejeição da idéia de que a desigualdade entre os sexos é natural e divina, rejeição essa manifestada pelos editores desde o início da publicação do *The Spectator*, e aplaudida por grande parte das mulheres participantes. Os editores afirmavam que a propalada inferioridade intelectual feminina e o conseqüente apego excessivo às aparências era fruto, em grande parte, de uma educação medfocre que não cultivava a mente e que incutia nas mulheres a idéia de que somente do cultivo de seus atributos exteriores dependia sua felicidade.

Num movimento de incentivo mútuo podemos assistir, no *The Spectator* e nas cartas a ele dirigidas, cenas de correspondentes estimulando, despertando e alertando umas às outras para o que consideravam ser parcialidade daqueles que, como o periódico de Addison e Steele, combatiam a vaidade e a faceirice feminina. Desenvolvendo muitas das mesmas idéias lançadas pelo jornal, as leitoras vão mais além e o intimam, em nome da coerência, a mudar de tática – o meio mais efetivo de reformar as maneiras femininas e combater seus vícios é atacar os vícios masculinos, dos quais aqueles dependem. Pois, dizem elas, como deixar de ser “objeto de visão”, “objeto de prazer” num mundo povoado de homens que só têm olhos para os atrativos exteriores?

As mulheres não são naturalmente frívolas, dizem várias leitoras; não são por natureza avessas ao cultivo de intelecto; são, sim, tão capazes quanto os homens. Nestes pontos não há desacordo entre as leitoras e as idéias defendidas em vários números do *The Spectator*. Onde há, sim, desacordo é na crítica de que as mulheres

6. Eis, a título de curiosidade, algumas questões representativas da curiosidade dos leitores: “Como surgiram as manchas na lua?”; “Por que os mares são salgados?”; “Se há bruxas, e que bons livros foram escritos sobre este assunto?”; “Onde era o Paraíso?”; “Se uma pessoa solteira deve rezar por um marido ou esposa, e, se isto é um dever, se não é um pecado negligenciá-lo?” (Dunton, 1691).

são alvo. Face à realidade de que a única carreira aberta às mulheres é o casamento, nós, dizem várias leitoras, não podemos abdicar dos atrativos que nos permitem nela entrar. O mercado para as virtuosas, recatadas e cultas está muito escasso, afirmam. Combater, portanto, a vaidade e a faceirice nas mulheres sem combater os homens que só têm olhos para isso, é condenar a nós, mulheres, à triste sorte das solteironas – motivo de escárnio público e fardo familiar. Do *The Spectator* várias leitoras exigiam, pois, a recolocação do problema, argumentando mais ou menos segundo estas linhas: não estão em nós, mulheres, as fraquezas mas naqueles de quem dependemos; somos o que somos porque eles são o que são; reformar os homens, torná-los sensíveis às qualidades interiores, é a real solução; mas, enquanto isso não ocorre, continuam, é sabedoria recorrer aos artifícios de sedução e esconder os atributos interiores, como os intelectuais, por exemplo, já que entendimento e feminilidade não podem coexistir abertamente. É, pois, conscientemente, como fruto de uma avaliação inteligente da situação, que as mulheres, afirmam várias leitoras, se adaptam aos padrões femininos dos homens – não vêm outra saída.

Eis, a este respeito, o que diz a enfática leitora Helena: "Se, portanto, eles forem virtuosos e sérios, assim seremos nós; se eles forem frívolos, assim seremos nós; se eles forem tolos, sim, assim seremos nós também sob pena de perdermos nosso mercado"⁷.

Enfim, a definição masculina do papel subordinado da mulher não parece ser aceita por muitas mulheres-leitoras como parte da ordem imutável das coisas. Elas não se viam como os homens as viam e ao agirem como agiam não as movia o acatamento cego a normas tradicionais inquestionáveis, mas a adesão voluntária a uma ação considerada estratégica face à realidade. Se o levantamento destas cartas é inegavelmente insuficiente para se dizer que a maioria das mulheres comuns daquela época não era silenciosa e problematizava a sua situação, é, no entanto, suficiente para sugerir, com força, a idéia de que o questionamento do poder masculino não era prerrogativa de figuras notáveis, excepcionais ou excêntricas. Neste novo quadro, pois, Mary Wollstonecraft não mais surgiria como uma pioneira na defesa aberta da mulher e da sua igualdade com os homens, ou como a figura isolada e excepcional a travar uma luta solitária e inglória. Ela pode ser vista, sim, como uma dentre tantas outras mulheres anônimas que, muito antes do final do século XVIII, protestavam contra o poder masculino. As idéias inovadoras dessa contendoradora de Rousseau teriam, pois, sido forjadas a partir de um descontentamento compartilhado há tempo por mulheres que, se não chegavam a propor uma revolução, sem dúvida reconheciam o poder masculino e a desigualdade entre os sexos como algo não necessário, não natural, mas cultural e passível, portanto, de modificação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AITKEN, G.A. (ed.) Unpublished letters addressed to *The Spectator*. *The Spectator*. London, 1898. v. appendix.
ALEXANDER, W. *The history of women*. Londres, 1779.
ALLEN, M. *A contradiction still: some eighteenth century characterizations of women*. 1976. PhD, University of Oregon.

- BLANCHARD, R. Richard. Steele and the status of women. In: ROYSTER, F. (ed.) *Studies in philology*. The Univ. of North Carolina Press, 1929.
BOND, D.F. Introduction. *The Spectator*. London, 8: lix, 1965.
BOND, R.P. (ed.) *New letters to the Tatler and The Spectator*. Austin, Univ. of Texas Press, 1959.
CLINTON, B. Femme et philosophe: enlightenment origins of feminism. *Eighteenth Century Studies*. Los Angeles, 8, 1974-75.
DUNTON, J. *The Athenian Gazette: or casuistical mercury resolving all most nice and curious questions proposed by the ingenuous*. Londres, 1691.
DUNTON, J. Female war, apud BLANCHARD, R. Richard. Steele and the status of women. In: ROYSTER, F. (ed.) *Studies in philology*. The Univ. of North Carolina Press, 1929.
GAY, P. *The enlightenment: an interpretation*. New York, W.W. Norton, 1977.
GEORGE, D.M. *London life in the eighteenth century*. [Great Britain], Penguin, 1976.
GUSDORF, G. *Les principes de la pensée au siècle des lumières*. Paris. Payot, 1971.
HALSBAND, R. (ed.) *The complete letters of Lady Mary Wortley Montagu*. Oxford, Clarendon Press, 1965-67.
HALBAND, R. (ed.) *The non sense of common-sense, 1737-38*. Evanston, Northern Western University, 1947.
HAMPSON, N. *The enlightenment*. [Great Britain,] Penguin, 1984.
HILL, B. *Eighteenth century women: an anthology*. Londres, George Allen & Unwin, 1984.
JARRETT, D. *England in the age of Hogarth*. [Great Britain,] Granada, 1976.
LEGATES, M. The cult of womanhood in eighteenth century thought. *Eighteenth Century Studies*. Los Angeles, 10, 1976-77.
LILLIE, C. (ed.) *Original and genuine letters sent to the Tatler and Spectator during the time those works were publishing, none of which have been before printed*. London, R. Harbin, 1725.
PLAISANT, M.; DENIZOT, P.; MOREAUX, F. *Aspects du féminisme en Angleterre au 18^e Siècle*. Université de Lille III, 1972.
SCHAEFFER, M.L.G.P. *The Spectator, o teatro das luzes: diálogo e imprensa no século XVIII*. São Paulo, 1986. Tese (dout.)FE/USP.
SEELEY, J. (ed.) *Essays, bibliographical, critical and historical, illustrative of the Rambler, Adventurer, Idler and of the various Periodical Papers which, in imitation of the writings of Steele and Addison, have been published between the close of the eighth volume of The Spectator, and the commencement of the year of 1809*. London, Buckingham, 1809.
THE SPECTATOR. London, 1 (22): 59, Mar. 1757.
THE SPECTATOR. London, (155).
THE SPECTATOR. London, (534).
SPENDER, D. *Women of ideas and what men have done to them, from Apha Behn to Adrienne Rich*. London, Routledge & Kegan Paul, 1982.
STEELE, R. *The ladies library*. Londres, 1714.
STEELE, R. *The lover and the reader*. Londres, 1728.
STONE, L. The family, sex and marriage in England: 1500-1800. London, Weidengeld and Nicolson, 1979.
STONE, L. Literacy and education in England, 1640-1900. *Past & Present*. Oxford, (42), Feb. 1969.
SWIFT, J. *Journal to Stella*. Oxford, 1948. Letter XI.
WILKES, W. *An essay on the pleasures and advantages of female literature*. Londres, 1741.
WILLIAMS, F. *Dangerous estate: the anatomy of newspapers*. London, Logmans, Green & Co., 1957.
———. *The right to know: the rise of the world press*. London, Logmans, Green & Co., 1969.
WINTON, C. Addison and Steele in the English enlightenment. In: *STUDIES on Voltaire and the eighteenth century*. Genève, Les Delicées, 1963.

7. Cf. Charles Lillie (1725), carta 82. Para que se possa avaliar devidamente o importante papel que o diálogo desempenhou, é necessário consultar todas as cartas disponíveis, as que foram e as que não foram publicadas no jornal, pois só assim fica evidente o dinamismo da conversa que se estabeleceu entre leitores e editores.